

QUANDO O PSICANALISTA FALA, SOBRE SEXUALIDADE...

JORGE, Marco Antonio Coutinho. TRAVASSOS, Natália Pereira. *Transexualidade: o corpo entre o sujeito e a ciência*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. 149 p.

Macla Nunes¹

Na apresentação de um rico trabalho sobre os problemas da contemporaneidade², Marco Antonio Coutinho Jorge (2002) lembra que é disseminada em nossa cultura uma certa caricatura do psicanalista como aquele sujeito quase em estado de mutismo, que ouve, ouve, ouve... mas não fala. Observando que a palavra do psicanalista é uma palavra perpassada pelo saber inconsciente, que não se dá a conhecer de uma vez por todas e nem de uma hora para a outra, o autor sublinha que o psicanalista não é mudo e, sim, permanece muitas vezes calado.

Além de precisar poder muito escutar para chegar a ter alguma coisa a dizer, “quando o psicanalista fala”, destaca Coutinho Jorge, ele o faz a partir de um lugar diferente do discurso comum, o qual foi denominado por Lacan de *discurso corrente*. A fala do psicanalista, portanto, vai expressar frequentemente alguma forma de pontuação do discurso, isto é, introduzir questionamentos onde se assentam certezas absolutas; afirmações precisas onde só há confusão; ela pode apontar para a beleza onde o horror se estampa, e pode presentificar a falta onde há plenitude (2002, p.11).

Desta mesma perspectiva se destaca o valor do livro *Transexualidade: o corpo entre o sujeito e a ciência*, de Marco Antonio Coutinho Jorge e Natália Pereira Travassos (2018). Fruto de uma criteriosa pesquisa, com estilo dotado de clareza e simplicidade, o trabalho marca de forma precisa a posição discursiva destes autores ao abordarem a questão da transexualidade sob a ótica da psicanálise. Situando, ainda, para além das fronteiras da clínica psicanalítica, essa manifestação da

¹ Doutoranda em Pesquisa e Clínica em Psicanálise (PGPSA-UERJ). Mestre em Teoria Psicanalítica (UFRJ). Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Seção Rio de Janeiro. Psicóloga/Psicanalista na Escola de Medicina e Cirurgia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. maclanunes@unirio.br

² FERREIRA, Nadiá Paulo & RODRIGUES, Marina Machado (Org.). *Psicanálise e Nosso tempo*. Rio de Janeiro: Editora Ágora da Ilha, 2002.

sexualidade que emerge com tanta força no mundo contemporâneo, eles sugerem ao campo científico a adoção de prudência nas avaliações dos casos de transexualidade - sobretudo na infância, e são enfáticos ao afirmar importância de nunca encerrarmos a questão numa discussão entre normal e patológico, mas a situarmos “nas encruzilhadas da cultura e seus efeitos sobre nossa vivência da sexualidade” (p.13).

No primeiro capítulo do livro, ao retomarem questionamentos e efeitos produzidos por um artigo que publicaram em Junho de 2017³, os autores examinam, com rigor, termos dos quais se serviram no referido artigo, como “epidemia” e “histeria”. Destacando o caráter polissêmico desses termos, eles especificam seu uso ao longo de suas articulações. Ainda nesse contexto, eles apontam para a existência de uma aliança entre a ciência e o capitalismo fomentada pela mídia, e enfatizam a importância de interrogarmos as respostas da medicina – “soberana porta-voz do discurso da ciência na vida cotidiana” – como única forma de resolver através de intervenções, em sua maioria irreversíveis, no corpo, o sofrimento psíquico decorrente do sentimento de inadequação entre sexo e gênero (p.17).

Somos levados a considerar que, por sermos seres falantes, nossa apreensão da materialidade corporal passa pela experiência da linguagem, fazendo com que não sejamos reduzidos a nosso corpo. Nesse sentido, e por haver uma distância impossível de ser preenchida entre o sujeito e seu corpo, o corpo *en-cena* e *en-carna* (p.20) os dramas subjetivos relativos aos conflitos psíquicos que não podem ser simbolizados através da palavra. A respeito da transexualidade então, os autores ponderam o quanto muitas pessoas, embaraçadas na relação com o próprio corpo e a sexualidade, são levadas a considerar as soluções dadas pela ciência a suas insatisfações como uma espécie de “pílula mágica” (p.20), que pode dissolver totalmente esse mal-estar através de um suposto e prometido “ajustamento” do sexo ao gênero.

O segundo capítulo do livro, intitulado “Sexo e gênero”, se dedica a refletir sobre o caráter enigmático da sexualidade que, em Freud, possui valor particular sendo necessariamente referenciada aos seus postulados fundamentais sobre o recalque e o inconsciente. Não tendo, ao nascer, demarcações quanto à procura de

³ Marco Antonio Coutinho Jorge e Natália Pereira Travassos, “A epidemia transexual: histeria na era da ciência e da globalização?”, Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental 20:2, p.307-30, 2017. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142017000200307&lng=pt&tlng=pt.

um parceiro sexual como outras espécies animais, a sexualidade humana não se encontra, inclusive, sob a ação dos ciclos periódicos da natureza e dos fins de reprodução, mas se encontra sob a ação predominante da linguagem. Com abrangência absoluta e poderosa, a sexualidade, para os falantes, não é sinônimo de genitalidade ou conjunção dos órgãos genitais, mas se revela em atividades como o olhar, a leitura, a própria respiração. Não obstante, “um dos polos que mais geram resistência à teoria freudiana da sexualidade é precisamente sua concepção de uma sexualidade plural, exuberante, desconcertante...” (p.30).

Nesse sentido, o corpo pulsional, o corpo de que trata a psicanálise, é diferente daquele abordado pela biologia, pela fisiologia ou pela anatomia. Entremeado e recortado pela linguagem – o que foi nomeado por Lacan como campo do simbólico -, o corpo pulsional é heterogêneo ao imaginário da anatomia corporal e não está submetido exclusivamente a alguma lei natural. A partir dessas formulações e da narrativa de Aristófanes do célebre mito do *andrógino* no *Banquete*, de Platão, acompanhamos então a distinção de dois polos da sexualidade, o da identificação e o do desejo, que, conforme bem destacam os psicanalistas, contrariamente ao que pensa a imensa maioria das pessoas, não se confundem e nem se complementam: “Freud descreveu com detalhes a total ausência de conexão entre escolha de objeto e identificação sexual” (p.36).

Os autores mostram que a teoria da pulsão em Freud – com seu objeto de satisfação inespecífico e sua meta de obtenção de gozo – tem estreita relação com o conceito de bissexualidade psíquica, o que significa dizer que o ser falante tem aptidão para investir libidinalmente em objetos de ambos os sexos. A partir da análise desse conceito e da noção de sexo e gênero em diversos campos de saber, Coutinho Jorge e Travassos vão sublinhar que o sexo é da ordem do real do corpo, ou seja, da anatomia, do que está fora da ordem do sentido; o gênero é da ordem do simbólico e do imaginário, isto é, da ordem do sentido que a cultura na qual as pessoas vivem atribui ao que considera como masculino e feminino. Sexo e gênero, portanto, afirmam os autores, são duas categorias distintas, que acabam por se equivaler em função da sobreposição do gênero em relação ao sexo.

No capítulo “A questão transexual” acompanhamos o exame detalhado sobre a questão do trânsito entre as insígnias masculinas e femininas. Observa-se de que forma questões colocadas pela homossexualidade levaram desde sempre à confusão entre escolha de objeto sexual e identidade de gênero. Ao mesmo tempo,

a transexualidade enquanto desejo e exigência de inscrever, no corpo, as insígnias femininas e masculinas através de cirurgias e hormonioterapia nasceu em um contexto específico: do avanço do discurso da ciência no mundo contemporâneo, que os autores vão descrever a partir de estudos importantes como os de Henry Havelock Ellis, Magnus Hirschfeld, Albert Moll, Krafft-Ebing e David O. Cauldwell.

Coutinho Jorge e Travassos chamam atenção para o empuxo à cirurgia e para o uso de hormônios que parece tomar conta do cenário atual. A precipitação nessa direção, legitimada tanto por parte do discurso médico, sem questionamentos maiores, quanto por parte da cultura, “seria um passo a mais na tentativa de higienização dos corpos, visando eliminar qualquer dissonância entre sexo e gênero, como foi feito com marginais e loucos, ou a total objetificação dos corpos com a anulação da subjetividade? ”, indagam (p. 62). Como observam os autores, em qualquer dos casos, é possível ver um claro repúdio à diferença – marca singular do que nos presentifica no mundo como sujeitos, constitutiva do enigma dos corpos falantes.

Tomando o relatório “Sexuality and Gender”, apresentado em 2016 pelos psiquiatras Lawrence Mayer e Paul McHugh, do Hospital Johns Hopkins de Nova York, como um dos mais recentes e importantes estudos sobre a origem das disforias de gênero e da transexualidade, Coutinho Jorge e Travassos vão ainda afirmar a necessidade de se abordar a questão sob o prisma da psicogênese, ou seja, da origem puramente psíquica dessa condição. Os autores também apontam alguns aportes originais dos estudos de Robert Stoller, psicanalista californiano pioneiro nos estudos de gênero, considerado o maior especialista americano sobre o assunto. Além de introduzir uma leitura de cunho não patologizante sobre as perversões e o transexualismo, Stoller estabelece a diferença entre travestis e transexuais apresentando algumas hipóteses causais para o transexualismo.

A relação entre a ciência e o repúdio à homossexualidade também é um ponto de destaque no trabalho de Coutinho Jorge e Travassos. A partir da obra *Homosexuality, Transvestism and Change of Sex*, de Eugene de Savitsch (1958), médico de origem russa radicado nos Estados Unidos, os autores discutem a aliança entre homofobia e transexualidade no âmbito da medicina. Observando que a homofobia adquire feições e formas mais diversas, os psicanalistas observam que a intenção aparentemente vanguardista de eliminar o desconforto vivido entre o sexo e o gênero pode sordidamente servir à sórdida ideia de adequar um corpo à

heterocisnormatividade. A partir dos desenvolvimentos do ensino de Jacques Lacan, Coutinho Jorge e Travassos propõem a abordagem da transexualidade por diferentes formas estabelecendo ainda importantes distinções entre a transexualidade e a transgeneridade.

Por último, são analisados alguns dados e desafios relacionados à questão da transexualidade no Brasil, às características do processo e do tipo de tratamento que a medicina oferece aos que solicitam as intervenções cirúrgicas. Para os autores, é preciso reconhecer que aqueles que não conseguem realizar o processo transexualizador são tão suscetíveis ao adoecimento e até ao suicídio quanto são aqueles que conseguem e se arrependem. Conforme afirmam, “se os serviços de saúde oferecessem o acolhimento adequado a essas pessoas, guiado pela escuta e não pela necessidade de dar uma resposta, talvez o cenário fosse outro” (p.109).

Por ser preocupante o crescimento do número de crianças encaminhadas às clínicas de identidade de gênero, a necessidade de reflexão a respeito da transexualidade na infância e do papel da família neste processo também é um aspecto fundamental apontado pelos autores. Da mesma forma, há que se considerar que o número de pessoas que destransicionam é cada vez maior e, se há grupos que discutem o assunto, há também uma forte reação contrária a esse movimento. Seja por parte da própria população transexual, da grande indústria financiadora dos procedimentos médico-cirúrgicos, ou como reflexo da aliança entre homofobia e transexualidade, trata-se de uma questão urgente. Do lugar mesmo de onde esses psicanalistas falam, como um convite aberto ao debate, fica a indagação: a serviço de que pode estar a tentativa de adequação do corpo à alma?

Recebido em: 22-09-2018

Aprovado em: 10-10-2018

© 2018 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>
[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](http://psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>